

A Misericórdia na vida da Igreja

Paróquia do Amial, 16 de fevereiro 2016

«Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso.» (Lc 6,36)

♪ *Misericordes sicut Pater, misericordes sicut Pater.*

♪ *Misericordias Domini in aeternum cantabo.*

[Eternamente cantarei, o amor do nosso Deus]

«Hei de cantar para sempre o amor do SENHOR» Sl 89,2

A misericórdia na vida da Igreja: como falar de misericórdia hoje? Como contar a história da misericórdia na Igreja e a misericórdia na história e na vida da Igreja?

Sede misericordiosos... O mandamento da misericórdia vale não só para o cristão individual, mas também para a Igreja no seu conjunto. Tal como acontece com o cristão individual, também no caso da Igreja o mandamento da misericórdia está alicerçado no ser da Igreja como corpo de Cristo. Daí que a Igreja não seja uma espécie de agência de serviços sociais e da caridade; enquanto Corpo de Cristo, a Igreja é sacramento da permanente e eficaz presença de Cristo no mundo e, por último, sacramento da misericórdia¹.

Três textos inspiradores: texto 1: Mc 6,34-37; texto 2: At 3,1-7; texto 3: Mc 2, 1-5

O que é a misericórdia? Como se manifesta? O papa Bento XVI diz, de forma abrangente:

«Na realidade a misericórdia é o núcleo da mensagem evangélica, é o próprio nome de Deus, o rosto com o qual Ele se revelou na Antiga Aliança e plenamente em Jesus Cristo, encarnação do Amor criador e redentor. Este amor de misericórdia ilumina também o rosto da Igreja, e manifesta-se quer mediante os Sacramentos, em particular o da Reconciliação, quer com as obras de caridade, comunitárias e individuais. (...) Da misericórdia divina, que pacifica o coração, brota depois a paz autêntica no mundo, a paz entre os povos, culturas e religiões diversas.»²

1- A misericórdia nos inícios da Igreja

A vida da Igreja caracterizou-se, desde o princípio, por uma prática caritativa ativa que abarcava a prática judaica, embora seguindo os seus próprios caminhos: tal prática caritativa já o Antigo Testamento louvava como gestos de piedade e que o paganismo reconhecia como gestos de humanidade, mas que sob a nova lei são permanentemente postos em relação com a abundância do amor de Deus em Cristo: “E tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai” (Cl 3,17). Caracterizou-se desde o princípio por ser praticada pela comunidade de forma institucionalizada, em vez de ficar confiada à piedade individual.

Após os tempos apostólicos, a Igreja primitiva tem numerosos testemunhos e de um enorme impacto. Dão conta da entrega de esmolas no final da Eucaristia dominical que se destinavam a ajudar as viúvas e os órfãos, os enfermos... e à solidariedade com outras comunidades pobres ou ameaçadas.

Hermas, cristão leigo e pai de uma família rural bem sucedida, em meados do século II, escreve sobre as coisas de que nos devemos abster para poder viver em Deus. Escreve, também, sobre outras coisas “... das obras do bem que deves praticar e não evitar. Primeiro de tudo a fé, o temor do Senhor, o amor, a concórdia, a linguagem honesta, a verdade e a paciência. (...) preserva a fraternidade, suporta o ultraje, sê paciente, esquece o mal, conforta os abatidos de espírito, não rejeites os que vacilaram na fé, mas encoraja-os e converte-os, adverte os que pecam, não oprimas os devedores ou necessitados, e quais quer outras coisas que se assemelhem a estas”³.

Tertuliano pelo ano 197 escreve: “[há] uma espécie de arca comum (...). E aqueles que sofrem perseguição nas minas, nas ilhas de degredo, nas prisões, contanto que seja por causa da lei de Deus, tornam-se pupilos a cargo da sua Confissão”. Tertuliano refere até que ponto a solicitude dos cristãos pelos aflitos suscitava a admiração dos pagãos: “Olha!, dizem eles, 'como eles se amam uns aos outros!'; 'e como estão preparados a morrer uns pelos outros!’”⁴.

Um outro testemunho: *Carta a Diogneto*, um texto anónimo escrito nos finais do século II ou princípios do século III. Os cristãos são apresentados assim: “Amam todos e por todos são perseguidos. (...) São pobres, mas enriquecem muita gente; de tudo carecem, mas em tudo abundam. (...) Insultados,

¹ Cfr. Walter KASPER, *A Misericórdia*, Ed. Lucerna, 191

² BENTO XVI, *Regina Coeli*, Castel Gandolfo, Domingo da Divina Misericórdia, 30 de Março de 2008

³ Hermas, *O Pastor*, 38,8-10, Alcalá, Lisboa, 2003, p. 185-7

⁴ Tertuliano, *Apologético*, XXXIX, 5-7, Alcalá, Lisboa, 2002, p. 461-2

bendizem; (...) São hostilizados pelos Judeus como estrangeiros; são perseguidos pelos Gregos, e os que os odeiam não sabem dizer a causa do ódio”⁵.

O bispo era o responsável por este serviço diaconal, que se valia dos diáconos para o realizar. A partir do século IV surgiram albergues para doentes e peregrinos, ou asilos para os pobres, nos quais se vieram depois a inspirar os hospitais medievais para cuidar dos pobres e dos enfermos.

2- A misericórdia e a reconciliação na Igreja

Também a nível espiritual a Igreja manifestou o seu rosto de misericórdia em diversas circunstâncias, de maneira especial no tempo das perseguições e nas crises do sistema penitencial.

A história da celebração da penitência e da reconciliação mostra que, nas grandes crises do sacramento do Perdão, como no montanismo com Cipriano de Cartago, no novacionismo com o Papa Cornélio, a recusa da penitência tarifada nalgumas igrejas de Espanha e França, ou a corrente rigorista do *jansenismo*, a Igreja sempre pendeu para o lado do pecador, para a misericórdia, em detrimento do rigorismo disciplinar ou moral. Hoje há fiéis que por diversas circunstâncias continuam à porta sem possibilidade de uma comunhão plena com a sua comunidade. Hoje, como ontem, a Igreja é chamada a dar-lhes uma resposta, colocando no centro a misericórdia.

3- A misericórdia e as diversas expressões eclesiais

As várias formas de vida consagrada e os diversos grupos e movimentos laicais contribuíram ao longo da história para viver e testemunhar a misericórdia em diversos tempos e lugares. Desde os Padres do Deserto, procurados como guias espirituais, aos monges, homens da cultura, da ciência e da técnica; dos Frades mendicantes que se aproximaram do povo para o orientar para Deus, aos missionários e missionárias que levaram o Evangelho a África, América, Ásia...; das Confrarias, Ordens Terceiras, Misericórdias aos atuais grupos de voluntariado... Enfim, em todos os que foram protagonistas das *Obras de Misericórdia*, está presente o rosto de Misericórdia da Igreja.

No referente ao valor humanitário dos Consagrados/Religiosos/as na História da Humanidade, devemos lembrar a sua ação desenvolvida no ensino, na defesa e proteção de menores, na prestação de diversos serviços de saúde às populações mais carenciadas...

Quem conhece a história das Missões sabe que os missionários partiam impulsionados e motivados pela fé... Mas de um lado da capela/igreja havia uma escola e do outro um posto de saúde para apoio das populações locais.

A história da misericórdia na vida da Igreja mostra como a mentalidade caritativa é, ao longo dos séculos, forjada e profundamente influenciada pelos preceitos evangélicos e pelo conteúdo doutrinal cristão. Mostra, ao mesmo tempo, como o Espírito Santo foi suscitando formas novas de exercer e expressar a misericórdia, de acordo com as necessidades de cada época. Com isto, o Cristianismo exerceu uma influência na cultura europeia⁶ e na cultura da humanidade.

4- A misericórdia e os Papas

Na Bula de promulgação do Jubileu, *Misericordiae vultus*, o Papa Francisco citou três Pontífices para indicar a sua atenção particular ao tema da Misericórdia: S. João XXIII, o beato Paulo VI e S. João Paulo II. Numa entrevista recente, o Papa Francisco afirma: Penso que este seja o momento da misericórdia. Senti que Jesus quer abrir a porta do Seu coração, que o Pai quer mostrar as Suas vísceras de misericórdia e por isso nos envia o Espírito: para nos movimentar e para nos libertar. É o ano do perdão, o ano da reconciliação.

«Se não nos sentimos necessitados da misericórdia de Deus, se não nos sentimos pecadores, melhor seria não irmos à Missa! Nós vamos à Missa porque somos pecadores e queremos receber o perdão de Deus, participar na redenção de Jesus e no seu perdão⁷.»

Este é o contributo do passado, presente e futuro da Igreja de Jesus Cristo para a construção da “Civilização da Misericórdia”, que é paráfrase e sinónimo da expressão do papa Paulo VI “Civilização do amor”. Misericórdia que a Igreja cantou, de geração em geração, em pensamento e ação: *Misericordias Domini, in aeternum cantabo* (Sl 89,2)

fr. Luis Manuel Novais Leitão, ofmcap

⁵ A *Diogneto*, V, 11.13.15.17, Alcalá, Lisboa, 2001, p. 53-55

⁶ Thomas E. Woods, Jr., *O Que a Civilização Ocidental Deve à Igreja Católica*, Alêtheia Editores, 2009

⁷ Francisco, Papa, Audiência-geral, 12 de fevereiro de 2014